



ÍNDICE

Definição de Crônica	02
Dissertação x Crônica Reflexiva	02
Crônica e Ovo	03
Papos	04
Segurança	05
Sexa	06
Tintin.....	07
Quero minha mãe.....	08
A praga	09
O gato sou eu	10
Mãe.....	12
Viagem a Paris.....	14
Viúva Loura.....	17
Aniversário.....	19
Transporte da Saudade.....	20
João e a noite.....	21
A Espada.....	22
O Homem Trocado.....	23
A Bola.....	24
Pá, Pá, Pá	25
Bobagem.....	27
Um, Dois, Três	28
Siglas.....	29
Lixo	31
Duas e três.....	33
Pais e filhos.....	34
O Caçulinha.....	36
Ser Mãe Não é Tarefa Fácil.....	38
Tragédia da Paixão	40
Diálogo de Todo Dia.....	41
A Toupeira Que Queria Ver O Cometa.....	42

CRÔNICA

A palavra crônica vem do latim Chronica, “registro de fatos comuns, feitos em ordem cronológica”. Em épocas passadas, designava qualquer documento de caráter histórico. Por isso, a quem hoje se dá o nome de historiador, antigamente era chamado de cronista.

Hoje, crônica é um termo usado para definir um gênero narrativo ou reflexivo breve, episódico e comunicativo. A crônica se caracteriza por registrar, acima de tudo, um flagrante do cotidiano, em seus aspectos pitorescos e inusitados, com certa dose de humor e de reflexão existencial. Contém passagens líricas e comentários de interesse social e a linguagem é, quase sempre, coloquial e irreverente.

A crônica procurar contar ou comentar histórias da vida, histórias que podem ter acontecido com qualquer um. O interesse será despertado pela escolha das palavras e pelo modo como elas serão colocadas, fazendo-nos conferir, pensar, refletir, questionar e entender melhor o que se passa dentro e fora da gente.

Tipos de crônica: As crônicas podem ser classificadas em descritivas, narrativas, narrativo-descritivos, líricas, reflexivas e críticas. Normalmente, em sua maioria, as crônicas são híbridas, mas nunca deixam de conter reflexões e comentários.

Crônica descritiva: predomina a caracterização de elementos no espaço. Os cinco sentidos são utilizados, assim como a linguagem metafórica e adjetivação abundante.

Crônica narrativo-descritiva: predomina a narração. A descrição se restringe ao cenário e aos personagens.

Crônica lírica: linguagem poética e metafórica, predominam a emoção e o sentimento.

Crônica metalingüística: fala sobre o próprio ato de escrever, criar e fazer literatura.

Crônica reflexiva: contém reflexões filosóficas. Procura analisar os assuntos e situações de maneira objetiva.

DISSERTAÇÃO x CRÔNICA REFLEXIVA

A crônica reflexiva e a dissertação se aproximam no conteúdo, mas se distinguem na forma:

DISSERTAÇÃO	CRÔNICA REFLEXIVA
<ul style="list-style-type: none"> *Estrutura definida (tese, argumentação e conclusão) * Prevalece a norma culta * Discute a idéia através de argumentação * A dissertação analisa e discute 	<ul style="list-style-type: none"> * Não há preocupação formal * A linguagem pode ser coloquial e irreverente * A crítica, o humor e o lirismo refletem o intimismo do autor, que compartilha suas idéias com o leitor * A crônica comenta a situação

Crônica e Ovo

A discussão sobre o que é, exatamente, crônica é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é crônica, conto ou outra coisa interessa aos estudiosos da literatura assim como se o que nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha a zoólogos, geneticistas, historiadores, e (suponho) o galo, mas não deve preocupar nem o produtor nem o consumidor. Nem a mim nem a você.

Eu me coloco na posição da galinha. Sem piadas, por favor. Duvido que a galinha tenha uma teoria sobre o ovo, ou, na hora de botá-lo qualquer tipo de hesitação filosófica. Se tivesse, provavelmente não botaria o ovo: É da sua natureza botar ovos, ela jamais se pergunta, “Meu Deus, o que estou fazendo?”. Da mesma forma que o escritor diante do papel branco (ou, hoje em dia, na frente da tela do computador) não pode ficar se policiando para só “botar” textos que se enquadrem em alguma definição de “crônica”. O que aparecer é crônica.

Há uma diferença entre o cronista e a galinha, além das óbvias (a galinha é menor e mais nervosa). Por uma questão funcional, o ovo tem sempre o mesmo formato, coincidentemente oval. O cronista também precisa respeitar certas convenções e limites: mas está livre para produzir seus ovos em qualquer formato. Existem textos classificados como contos, paródias, outros que são puros exercícios de estilo ou simples anedotas e até alguns que se submetem ao conceito acadêmico de crônica. Ao contrário da galinha, podemos decidir se o ovo do dia será listrado, fosforescente ou quadrado.

Você, que é o consumidor do ovo e do texto, só tem que saboreá-lo e decidir se é bom ou ruim, não se é crônica ou não é. Os textos estão na mesa: fritos, estrelados, quentes, mexidos... Você só precisa de um bom apetite.

Luis Fernando Veríssimo



PAPOS

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?
- O que?
- Digo-te que você...
- O “te” e o “você” não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la-hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.
- Dispensando as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Eu só estava querendo...
- Pois esqueça-o e pára-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”?
- Ilumine-me. Me diga. Ensine-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesse, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dá. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

SEGURANÇA

O ponto de venda mais forte do seu condomínio era sua segurança. Havia as mais belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que se controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e os visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para o guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feita um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade. A guarda tem sido obrigada a agir com energia.



SEXA

- Pai...
- Hummmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O que?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino e feminino. A palavra “sexo” é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser a “sexa”?
- Não.
- Por que não?
- Porque não. Desculpe, porque não. “Sexo” é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer...Olha aqui: tem sexo masculino e o sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?
- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são. Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. “A palavra” é feminino. Se fosse masculino seria “o pal...”
- Chega! Vai brincar, vai...
- O garoto sai e mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
- Por quê?
- Ele só pensa em gramática...

TINTIM

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc... Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro.

Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou a tintim a um décimo de triz. Tanto o tintim quanto o triz pertenceria ao obscuro mundo das microcoisas. Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora - isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formado por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopáico que evoca o tinido das moedas. Originalmente, portanto, “tintim por tintim” indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso que nos tempos em que as moedas, no Brasil, tinham, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção do infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. “Triz”, diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco?

Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para “triz”. Substantivo feminino. Popular.

“Icterícia”. Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto. O Universo já tem problemas demais.

QUERO MINHA MÃE

ADÉLIA PRADO

Abel e eu estamos precisando de férias. Quando começa a perguntar quem tirou de não sei onde a chave de não sei o quê, quando já de manhã espero não fazer comida à noite, estamos a pique de um estúpido enguiço. Sou uma pessoa grata? Às vezes o que se nomeia gratidão é uma forma de amarra. Entendo amor ao inimigo, mas gratidão o que é? Tenho problemas neste particular. Se aviso: passo na sua casa depois do almoço, acrescento logo se Deus quiser, não sendo grata, temo que me castigue com um infortúnio. Bajulo Deus, esta é a verdade, tenho o rabo preso com Ele, o que me impede de voar. Como posso alcançar-me com Ele grudado à cauda? Uma esquizofrenia teológica, eu sei, quando fica tudo confuso assim, meu descanso é recolher-me como um tatu-bola e repetir até passar a crise, Senhor, tem piedade de mim. Até em sonhos repito, Senhor, tem piedade de mim, é perfeito.

Sensação de confinamento outra vez, minha pele, minha casa, paredes, muro, tudo me poda, me cerca de arame farpado. Coitada da minha mãe, devia estar nesta angústia no dia em que me atingiu: “trem ordinário” com certeza não suportava a idéia, o fardo de ter-que-dar-conta-daquela-roupa-de-graxa-do-meu-pai, daquele caldo escuro da bacia, fedendo a sabão preto e ela querendo tempo para ler, ainda que pela milésima vez, meu manual de escola, o ADOREMUS, a REVISTA DE SANTO-ANTÔNIO. Mãe, que dura e curta vida a sua. Me interdito um relógio de pulso, mas não teve meios de me proibir ficar no barranco à tarde, vendo os operários saírem da oficina, sabia que eu saberia o motivo. Duas mulheres, nos comunicávamos. Tá alegre, mãe? A senhora não liga de ficar em casa, não? Posso ir no parque com a Dorita? Vai chamar a tia Ceição para conversar com a senhora? Nem na festa da escola, nem na parada pra ver eu carregar a bandeira ela não foi. Não dava para ir de “mantor” porque era de dia com sol quente, gastei cinqüenta anos pra entender. Teve uma lavadeira, a Tina do Moisés, que ela adorava e tratava como rainha. Sua roupa acostumou comigo, Clotilde, nem que eu queria, não consigo largar. Foi um tempo bom de escutar isso, descansei de vê-la lavando roupa com o olhar perdido em outros sítios, sentindo e querendo, com toda certeza, o que qualquer mulher sente e quer, mesmo tendo lavadeira e empregada. Tenho sonhado com a mãe tomando conta de mim, me protegendo os namoros, me dando carinho, deixando, de cara alegre, meus peitinhos nascerem e até perguntando: está sentindo alguma dor, Olímpia? É normal na sua idade. Com certeza aprendeu, nas prédicas às Senhoras do Apostolado, como as mães cristãs deviam orientar suas filhas púberes. Te explico, Olímpia, porque pode te acontecer na escola, não precisa levar susto, não é sangue de doença. Achei minha mãe bacana, uma palavra ainda nova que só os moleques falavam. Coitadas da Graça e da Joana, que nem isso ganharam dela. Morreu antes de me ensinar a lidar com as incômodas e trabalhosas toalhinhas. Mãe, mãezinha, mamãezinha, mamãe, e o reino do céu é um festim, quem escondeu isso de você e de mim?

Neste polêmico texto “A Praga”, do nosso grande pensador Rubem Alves, o autor afirma que a Igreja Católica considera o segundo casamento como uma praga social e faz duras críticas.

A PRAGA (CRÔNICA)

RUBEM ALVES

É BOM atentar para o que o papa diz. Porta-voz de Deus na Terra, ele só pensa pensamentos divinos. Nós, homens tolos, gastamos o tempo pensando sobre coisas sem importância tais como o efeito estufa e a possibilidade do fim do mundo. O papa vai direto ao que é essencial: “O segundo casamento é uma praga!” Está certo. O casamento não pertence à ordem abençoada do paraíso. No paraíso não havia casamento. Na Bíblia não há indicação que as relações amorosas entre Adão e Eva tenham sido precedidas pelo cerimonial a que hoje se dá o nome de casamento: o Criador, celebrante, Adão e Eva nus, de pé, diante de assembléia de animais, tudo terminando com as palavras sacramentais: “E eu, Jeová, vos declaro marido e mulher. Aquilo que eu ajuntei os homens não podem separar...” Os casamentos, o primeiro, o segundo, o terceiro, pertencem à ordem maldita, caída, praguejada, pós-paraíso. Nessa ordem não se podem confiar no amor. Por isso se inventou o casamento, esse contrato de prestação de serviços entre marido e mulher, testemunhado por padrinhos, cuja função é, no caso de algum dos cônjuges não cumprir o contrato, obrigá-lo a cumpri-lo. Foi um padre que me ensinou isso. Ele celebrava o casamento. E foi isso que ele disse aos noivos: “o que vos une não é o amor. O que vos une é o contrato”. Aprendi então que o casamento não é uma celebração de amor. É o estabelecimento com direitos e deveres. Até as relações sexuais são obrigações a serem cumpridas. Agora imaginem um homem e uma mulher que muito se amam: são ternos, amigos, fazem amor, geram filhos. Mas, segundo a igreja, estão em estado de pecado: falta ao relacionamento o selo eclesial legítimador. Ele, divorciado da antiga esposa, não pode se casar de novo porque a igreja proíbe a praga do segundo casamento. Aí os dois, já no fim da vida, são obrigados a se separar para participar da eucaristia: cada um para um lado, adeus aos gestos de ternura... Agora tudo está nos conformes. Porque Deus não enxerga o amor. Ele só vê o selo eclesial. O papa está certo. O segundo casamento é uma praga. Eu, como já disse, acho que todos são uma praga, por não ser da ordem paradisíaca, mas da maldição. O símbolo dessa maldição está na palavra “conjugal”: do latim, “com” e “jugus”=canga. Canga, aquela peça pesada de que une dois bois. Eles não querem estar juntos. Mas a canga os obriga, sob pena do ferrão... Por que o segundo casamento é uma praga? Porque, para havê-lo, é preciso que o primeiro seja anulado pelo divórcio. Mas, se a igreja admitir a anulação do primeiro casamento, terá de admitir também que o sacramento que o realizou não é aquilo que ela afirma ser: um ato realizado pelo próprio Deus.

Permitir o divórcio equivale a dizer: o sacramento é uma balela... Com o divórcio ela seria rebaixada do seu lugar infalível e passaria a ser apenas uma instituição falível entre outras. A igreja não admite o divórcio não é por amor à família. É para manter-se divina... A igreja, sabia, tratou de livrar seus funcionários da maldição do amor. Proibiu-os de se casarem. Livres da maldição do casamento, os sacerdotes têm a suprema felicidade de noites de solidão, sem conversas, sem abraços e nem beijos. Estão livres da praga...

Excelente crônica escrita por Fernando Sabino, mas quem é o gato afinal? O psicanalista, tão atencioso em sua análise ou o cliente que lhe conta um sonho? Entre um e outro, o gato firma-se como símbolo da liberdade incondicional de sonhar.

O GATO SOU EU

FERNANDO SABINO

- Aí então, eu sonhei que tinha acordado. Mas continuei dormindo.
- Continuou dormindo.
- Continuei dormindo e sonhando. Sonhei que estava acordado na cama, e ao lado, sentado na cadeira, tinha um gato me olhando.
- Que espécie de gato?
- Não sei. Não entendo de gatos. Acho que era um gato preto. Só sei que me olhava com aqueles olhos parados de gato.
- A que você associa essa imagem?
- Não era uma imagem: era um gato.
- Estou dizendo a imagem do seu sonho: essa criação onírica simboliza uma profunda vivência interior. É uma projeção do seu subconsciente. A que você associa ela?
- Associo a um gato.
- Eu sei: aparentemente se trata de um gato. Mas na realidade o gato, no caso, é a representação de alguém. Alguém que lhe inspira um temor reverencial. Alguém que a seu ver está buscando desvendar o seu mais íntimo segredo. Quem pode ser essa alguém, me diga? Você deitado aí nesse divã como na cama em seu sonho, eu aqui nesta poltrona, o gato na cadeira...Evidentemente esse gato sou eu.
- Essa não, doutor. A ser alguém, neste caso o gato sou eu.
- Você está enganado. E o mais curioso é que, ao mesmo tempo, está certo, certíssimo, no sentido em que tudo não passa de uma projeção do eu.
- Uma projeção do senhor?
- Não: uma projeção do eu. O eu, no caso, é você.
- Eu sou o senhor? Qual é, doutor? Está querendo me confundir a cabeça ainda mais? Eu sou eu, o senhor é senhor, e estamos conversados.
- Eu sei: eu sou eu, você é você. Nem eu iria pôr em dúvida uma coisa dessas, mais do que evidente. Não é isso que eu estou dizendo. Quando falo no eu, não estou falando em mim, por favor, entenda.
- Em quem o senhor está falando?
- Estou falando da individualidade do ser, que se proteja em símbolos oníricos. Dos quais os gatos do seu sonho é um perfeito exemplo. E o papel que você atribuiu ao gato, de fiscalizá-lo o tempo todo, sem tirar os olhos de você, é o mesmo que atribuí a mim. Por isso que eu digo que o gato sou.
- Absolutamente. O senhor vai me desculpar, doutor, mas o gato sou eu, e disto não abro mão.
- Vamos analisar essa sua resistência em admitir que eu seja o gato.
- Então vamos começar pela sua insistência em querer ser gato. Afinal de contas, de quem é o sonho: meu ou seu?
- Seu. Quanto a isto, não há a menor dúvida.
- Pois então? Sendo assim, não há a menor dúvida de que o gato sou eu, não é mesmo?



-Aí é que você se engana. O gato é você, na sua opinião. E sua opinião é suspeita, porque formulada pelo consciente. Ao passo que, no subconsciente, o gato é uma representação do que significa para você. Portanto, insisto em dizer: o gato sou eu.

-E eu insisto em dizer: não é.

-Sou.

-Não é. O senhor por favor saia do meu gato, que senão eu não volto mais aqui.

-Observe como inconscientemente você está rejeitando minha interferência na sua vida através de uma chantagem...

-Que é que há, doutor? Está me chamando de chantagista?

-É um modo de dizer. Não vai nisso nenhuma ofensa. Quero me referir à sua recusa de que eu participe de sua vida, mesmo num sonho, na forma de um gato.

-Pois se o gato sou eu! Daqui a pouco o senhor vai querer cobrar consulta até dentro do meu sonho.

-Olhe aí, não estou dizendo? Olhe a sua reação: isso é sua maneira de me agredir. Não posso cobrar consulta dentro do seu sonho enquanto eu assumir nele a forma de um gato.

-Já disse que o gato sou eu!

-Sou eu!

-Ponha-se para fora do meu gato!

-Ponha-se para fora daqui!

-Sou eu!

-Eu!

-Eu! Eu!

-Eu! Eu! Eu!

(CRÔNICA DEDICADA AO DIA DAS MÃES, EMBORA COM O FINAL INADEQUADO, AINDA QUE AUTÊNTICO)

MÃE

RUBEM BRAGA

O menino e seu amiguinho brincavam nas primeiras espumas; o pai fumava um cigarro na praia, batendo papo com um amigo. E o mundo era inocente, na manhã de sol.

Foi então que chegou a Mãe (esta crônica é modesta contribuição ao Dias das Mães), muito elegante em seu short, e mais ainda em seu maiô. Trouxe óculos escuros, uma esteirinha para se esticar, óleo para a pele, revista para ler, pente para se pentear – e trouxe seu coração de Mãe que imediatamente se pôs aflito achando que o menino estava muito longe e o mar estava muito forte.

Depois de fingir três vezes não ouvir seu nome gritado pelo pai, o garoto saiu do mar resmungando, mas voltou a se interessar pela alegria da vida, batendo bola com o amigo. Então a Mãe começou a folhear a revista mundana – “que vestido horroroso o da Marieta neste coquetel” – “que presente de casamento vamos dar à Lúcia? Tem de ser uma coisa boa” – e outros pequenos assuntos sociais foram aflorados numa conversa preguiçosa. Mas de repente:

-Cadê Joãozinho?

O outro menino, interpelado, informou que Joãozinho tinha ido em casa apanhar uma bola maior.

-Meu Deus, esse menino atravessando a rua sozinho! Vai lá, João, para atravessar com ele, pelo menos na volta!

O pai (fica em maiúscula; o Dia é da Mãe) achou que não era preciso:

-O menino tem OITO anos, Maria!

-OITO anos, não, oito anos, uma criança. Se todo dia morre gente grande atropelada, que dirá um menino distraído como esse!

E erguendo-se olhava os carros que passavam, todos guiados por assassinos (em potencial) de seu filhinho.

-Bem, eu vou lá só para você não ficar assustado.

Talvez a sombra do medo tivesse ganho também o coração do pai; mas quando ele se levantou e calçou a alpercata para atravessar os vinte metros de areia fofa e escaldante que o separavam da calçada, o garoto apareceu correndo alegremente com uma bola vermelha na mão, e a paz voltou a reinar sobre a face da praia.

Agora o amigo do casal estava contando pequenos escândalos de uma festa a que fora na véspera, e o casal ouvia, muito interessado – “mas a Niquinha com o coronel? não é possível!” – quando a Mãe se ergueu de repente:

-E o Joãozinho?

Os três olharam em todas as direções, sem resultado. O marido, muito calmo – “deve estar por aí”, a Mãe gradativamente nervosa – “mas por aí, onde?” – o amigo otimista, mas levemente apreensivo.

Havia cinco ou seis meninos dentro da água, nenhum era o Joãozinho. Na areia havia outros. Um deles, de costas, cavava um buraco com as mãos, longe.

-Joãozinho!

O pai levantou-se, foi lá, não era. Mas conseguiu encontrar o amigo do filho e perguntou por ele.

-Não sei, eu estava catando conchas, ele estava catando comigo, depois ele sumiu.

A Mãe, que viera correndo, interpelou novamente o amigo do filho. “Mas sumiu como? para onde? Entrou na água? não sabe? mas que menino pateta! “O garoto, com cara de bobo, e assustado com o interrogatório, se afastava, mas a Mãe foi segurá-lo pelo braço: “Mas diga, menino, ele entrou no mar? Como é que você não viu, você não estava com ele? hein? ele entrou no mar?”.

-Acho que entrou... ou então foi-se embora.

De pé, lábios trêmulos, a Mãe olhava para um lado e outro, apertando bem os olhos míopes para examinar todas as crianças em volta. Todos os meninos de oito anos se parecem na praia, com seus corpinhos queimados e suas cabecinhas castanhas. E como ela queria que cada um fosse seu filho, durante um segundo cada um daqueles era o seu filho, exatamente ele, enfim – mas um gesto, um pequeno movimento de cabeça, e deixava de ser. Correu para um lado e outro. De súbito ficou parada olhando o mar, olhando com tanto ódio e medo (lembra-se muito bem da história acontecida dois a três anos antes, um menino estava na praia com os pais, eles se distraíram um instante, o menino estava brincando no rasiño, o mar o levou, o corpinho só apareceu cinco dias depois, aqui nesta praia mesmo!) – deu um grito para as ondas e espumas – “Joãozinho!”.

Banhistas distraídos foram interrogados – se viram algum menino entrar no mar – o pai e o amigo partiram para um lado e outro da praia, a Mãe ficou ali, trêmula, nada mais existia para ela, sua casa e família, o marido, os bailes, os Nunes, tudo era ridículo e odioso, toda essa gente estúpida na praia que não sabia de seu filho, todos eram culpados – “Joãozinho!” – ela mesma não tinha mais nome nem era mulher, era um bicho ferido, trêmulo, mas terrível, traído no mais essencial de seu ser, cheio de pânico e de ódio, capaz de tudo – “Joãozinho!” – ele apareceu bem perto, trazendo na mão um sorvete que fora comprar. Quase jogou longe o sorvete do menino com um tapa, mandou que ficasse sentado ali, se saísse um passo iria ver, ia apanhar muito, menino desgraçado!

O pai e o amigo voltaram a sentar, o menino riscava a areia com o dedo grande do pé, e quando sentiu que a tempestade estava passando fez o comentário em voz baixa, a cabeça curva, mas os olhos erguidos na direção dos pais:

-Mãe é chaata...



VIAGEM A PARIS

- Ouvi dizer que vai a Paris.
- Exato.
- A negócio?
- Não.
- Turista?
- Não.
- Missão política reservada?
- Não.
- Tão secreta assim?
- Não.
- Se não sou indiscreto... transa de amor?
- Não.
- Está muito misterioso.
- Não.
- Como não? Saúde, talvez.
- Não.
- Compreendo que não queira alarmar...
- Não.
- Busca apenas repouso.
- Não.
- Fugir do trabalho, então.
- Não.
- Capricho do momento.
- Não.
- Tantos não devem significar um sim.
- Não.
- Significam sim. Vou repetir as hipóteses.
- Não.
- Temos pela frente uma indústria nova, de vulto.
- Não.
- De qualquer maneira, é financiamento internacional.
- Não.
- Então a coisa está ficando preta.
- Não.
- Está preta, e há jogadas que só em Paris.
- Não.
- Percebe-se alguma coisa no ar.
- Não.
- Não dá para perceber, mas há.
- Não.
- Mas pode haver a qualquer momento.
- Não.
- Nem hipótese?



- Não.
- Nenhuma nuvem distante, muito distante mesmo?
- Não.
- No ano que vem?
- Não.
- Ouvi mal?
- Não.
- Sendo assim, é segredo pessoal?
- Não.
- O coração é quem dita a viagem... eu sei.
- Não.
- Sim, sim. Pode confessar.
- Não.
- Hoje em dia essas coisas são públicas. Dão até cartaz.
- Não.
- Sei que não precisa disso, mas...
- Não.
- Por que não? Está com medo da imprensa?
- Não.
- Receia perder a situação social?
- Não.
- A situação financeira?
- Não.
- Política?
- Não.
- Pois olhe, melhor é preparar o ambiente?
- Não.
- Claro que sim. Insinuar mudança em sua vida.
- Não.
- Discretamente.
- Não.
- De leve, só uma pincelada. Deixe comigo.
- Não.
- Não abro manchete nem boto aquela foto em duas colunas, aquela bacana, lembra?
- Não.
- Só cinco linhas.
- Não.
- Duas.
- Não.
- Mas tenho de dizer alguma coisa.
- Não.
- O senhor é notícia.
- Não.
- Pode dizer que não, mas é sim.
- Não.



-Puxa vida, o senhor hoje está medonho. Resolveu responder não a tudo que é pergunta minha?

-Não.

-Ah, é? Então vamos recomeçar: o senhor vai a Paris?

-Vou.

-E que é que vai fazer em Paris?

-Ver.

-Ver o quê?

-O Último Tango em Paris.

-E por que é que não me disse isso logo, homem de Deus?

-Você não me perguntou, por que eu havia de responder?



VIÚVA LOURA

- “Viúva, 21 anos...”
- Tadinha. A vida é isso.
- “Loura...”
- Melhorou.
- “Fazendeira, rica...”
- Epa, muda completamente de figura.
- “Pertencente a tradicional família mineira...”
- Corta essa!
- “Recém-chegada do interior...”
- Então, não custa sondar a barra.
- “Procura companhia masculina...”
- Ainda bem que é masculina. Tou às ordens.
- “Que seja jovem...”
- Você acha que 38 anos está na pauta?
- “Bem intencionado...”
- Nunca fui outra coisa na vida.
- “De fino trato...”
- Não é por me gabar, mas...
- “Conhecedor dos pontos pitorescos do Rio...”
- Que é que ela entende por pontos pitorescos? Eu prefiro pontos estratégicos.
- “Para passeios e...”
- Etc., lógico.
- “Futuro compromisso matrimonial...”
- Corta! Corta!
- É mesmo.
- Aliás, eu não tenho mais de 38. Tinha, semana passada.
- E rica...Rica de que? Talvez de predicados apenas.
- Poxa, até parece que você está querendo a viúva pro seu bico. Pera aí, mau-caráter.
- Eu? Vê lá se eu vou nessa onda de anúncio. Tou prevenindo pra você não se grilar. Viúva, mineira, loura... Se é mineira, não deve ser loura. Se é loura. É artificial. Se é artificial...
- Deixa a viúvinha ser loura e mineira, deixa.
- Olha, eu conheci uma loura que, além de outros negativos, era careca.
- Ora, peruca resolve.
- Sei não, mas tudo isso junto- mineira, viúva, loura, 21 anos, rica...
- Que é que tem?
- É exagero. Não precisava ter tantas qualidades.
- Foi uma graças a Deus
- Você não merece tanto.
- Será outra graça de Deus.
- Deus não deve ser assim tão desperdiçado com suas graças.
- Lá vem você querendo dar instruções ao Altíssimo. Perde essa mania.
- Bom, mas você não sabe que mineiro esconde milho até de monjolo?
- Continua.



- “Cartas com sigilo absoluto...”
- Evidente.
- “Indicações pessoais...”
- Minha ficha é mais limpa que caixa d’água de edifício quanto o síndico vai ao terraço.
- “E fotos...”
- Arrgh! Só tenho 3x4, muito fajuta. Mas tiro de calção, frente, perfil e fundos.
- “Para a portaria desse jornal, sob nº 019 834.”
- Pera aí. Tou anotando. 019?
- 834.
- Legal. 834 é o número de meu edifício, 19 é o pavão, que tem a perna dourada. Lê mais.
- Já li tudo, ué.
- Lê outra vez. Repete.
- Vai decorar?
- Vou gravar melhor na nuca, vou raciocinar em bloco, vou...
- Se Habilitar, né?
- Correto.
- Calma, rapaz. Sabe lá que espécie de viúva é essa?
- Vou ver pra conferir.
- Pode nem ser viúva.
- E daí?
- Diz que tem 21 anos, mas quem garante que não é modéstia? Às vezes tem três vezes

21.

- Então você admite que ela é mineira.
- E que cria galinha sem ração, na base da parapsicologia?
- Também sou mineiro, uai.
- E nunca me confessou. Eu jurava que você fosse capixaba.
- Fui. Questão de limites, minha terra passou prá banda de cá. Não espalha, sim?
- Me tapeou o tempo todo.
- Esquece.
- Vai ser dura a parada: mineira Loura versus mineiro mascarado.
- Fica em família, né?
- A tradicional?
- As duas. Eu na minha, ela na dela.
- Agora sou eu que digo: tadinha.
- Por quê? Se ela botou anúncio, quer transar. Eu transo. No figurino.
- É verdade que tem muito carioca por aí, muito paulista, muito nortista, espiando maré.

Talvez você chegue tarde.

- Duvido. Você sabe que nessas coisas eu sou meio Fittipaldi. Comigo é Fórmula 1.
- Mineiro contando prosa? Nunca vi isso.
- Bem, mineiro é capaz de contar prosa só pra esconder que é mineiro...
- Chega, amizade, você já ganhou a viuvinha com fazenda e tudo, podes crer!



ANIVERSÁRIO

-Ruy e Nara foram para a cama na hora de sempre. Ruy pegou seu livro. Mas a Nara queria conversar.

-Meu bem...

-Mmmm?

-Sabe que dia é hoje?

-Quinta.

-Do mês.

-Ahn...Dezoito.

-E então?

-Então, o que?

-Pense bem. É um aniversário.

Meu Deus, pensou o Ruy. Esqueci o nosso aniversário de casamento outra vez, como no mês passado. Mas se tinha sido no mês passado, não podia ser agora. O aniversário dela também não era. Ou era?

-Que aniversário?-perguntou.

-De uma coisa que aconteceu há muitos anos...

-Muitos anos?

-Antes do nosso casamento.

-Não consigo me lembrar.

-No sofá da minha casa...

-No sofá da sua casa?

-Lembrou agora?

-Seria possível? A Nara dera para aquilo, agora. Ele forçou um sorriso, fez um ruído indefinido e voltou à sua leitura. Mas ela insistiu.

-Meu bem...

-Mmmm?

-Vamos comemorar?

-Vamos-suspirou o Ruy, colocando o livro sobre a mesa-de-cabeceira.

Virou-se para a mulher. Os dois se beijaram. Depois Ruy pegou o livro outra vez. Nara protestou:

-Mas só isso?

-Só isso o que?

-Só um beijo Ruy?

-Se eu me lembro, naquele dia foi só um beijo.

-Sim, mas...

-Eu não insisti? Não pedi mais do que um beijo? E o que foi que você disse?

-Eu disse "não".

-Suas exatas palavras. "Não".

-Mas depois eu deixei, Ruy.

-Dois meses depois. Dois meses e meio.

-Ah, Ruy...

-Não.

-Então vamos comemorar o que aconteceu dois meses depois.

-Eu, nessas, coisas, sou ortodoxo. Aniversário é no dia!

CRÔNICA REFLEXIVA PRO COLÉGIO

Transporte da saudade

Final de mais um ano de luta no trabalho, dia chegando ao fim e a noite vagarosamente aproximava. Encontrava-me esperando o ônibus. O ônibus vermelho, com o mesmo motorista e com as mesmas pessoas, já capturadas por minhas retinas. Meu cérebro desconhecia seus nomes, embora o coração conhecesse uma jovem que se sentava no canto esquerdo, roendo as unhas. Continuava sem conhecer ninguém e... sem vontade também.

Continuamente uma rotina há anos e fatigado cada vez mais. Enxergo no espelho um homem desmotivado, um ser relativamente indiferente ao capitalismo, mas a serviço dele. Nos finais de semana, às vezes esbarro com algum “colega”-sim, pois amizade aprendi que no nosso sistema de capitais- e acabamos numa cerveja. O mesmo drama que sinto no espelho é sentido por meus ouvidos nessa hora de happy hour. No trabalho, o mesmo sentimento é transpirado no rosto de funcionários e chefes; no cinema, é visto no olhar dos atores. O mundo globalizado, o mundo capitalista transformou os humanos em objetos, os objetos em posse, a posse em distinção de classes sociais. O valor não mais visto no “ser” foi passado para o “ter”. Paradoxalmente atinge todas as camadas e torna a vida, mais uma nota de nosso bolso...



JOÃO E A NOITE

Numa dessas noites e frias de dezembro, resolvi integrar-me a um grupo de pessoas que distribui alimentos aos moradores de rua. Enchemos dois carros com vasilhames plásticos cheios de sopa, muitos pães e alguns doces, chegamos ao local escolhido e logo o pessoal aproximou-se para receber o alimento. Notei porém que um deles continuou sentado em uma parede, fui até lá levar-lhe um pouco de sopa. Era um moço jovem, aparentado uns 25 anos, ofereci a sopa e ele aceitou. Fiquei conversando um pouco, perguntei se ele estava doente, disse-me que estava com muita dor no peito, contou que era de Pernambuco, seu nome era João, tinha 11 irmãos; morava sozinho em São Paulo, havia cinco anos, estava sem trabalho e dormindo na rua. Ofereci-me para ir com ele a um hospital que era bem próximo. Não aceitou; então desejei-lhe uma boa noite e fui embora.

Já em casa, fiquei pensando o que mais eu poderia fazer por aquela pessoa que me pareceu muito triste. No dia seguinte juntei algumas coisas de comida, roupas, um pouco de dinheiro e voltei sozinho ao local, lá estavam alguns dos que tinha visto na noite anterior, mas ele, não. Perguntei e fui informado que ele amanhecera morto. Comovido, poetei:

À noite das alturas, calma descia,

João, perambulava pelas ruas sozinho, seu coração doía...

À noite onipresente, antiga,

João, limitado em viver, pão e amor mendiga.

À noite vigilante da verdade,

João, faminto, ansioso esperava a sopa da caridade.

À noite silenciosa inspirava amor,

João, tristonho e resignado, suportava sua dor.

À noite misteriosa a tudo pode servir,

João, procurava na rua escura um lugar para dormir.

À noite amada por gentios e cristãos, João, atormentado por lembranças dos pais e os 11 irmãos.

À noite indiferente ao bem e ao mal,

João, com amor pensava em Cristo, vivo e presente, era Natal.

À noite como névoa se espalhava,

João, sobre uma cama de papel agônico respirava.

À noite indômita, densa, fria,

João, tão jovem, fraco e triste, morria...

Crônica do Acadêmico Antenor de Souza Marreiros – Cadeira nº 2 de letras

A ESPADA

Uma família de classe média alta. Pai, mulher, um filho de 7 anos. É a noite do dia em que o filho fez 7 anos. A mãe recolhe os detritos da festa. O pai ajuda o filho aguardar os presentes que ganhou dos amigos. Nota que o filho está quieto e sério, mas pensa: “É o cansaço.” Afinal ele passou o dia correndo de um lado para o outro, comendo cachorro-quente e sorvete, brincando com os convidados por dentro e por fora da casa. Tem que estar cansado.

-Quanto presente, hein, filho?

-É.

-E essa espada. Mas que beleza. Esta eu não tinha visto.

-Pai...

-E como pesa? Parece uma espada de verdade. É de metal mesmo. Quem foi que deu?

-Era sobre isso que eu queria falar com você.

O pai estranhava seriedade do filho. Nunca o viu assim. Nunca viu nenhum garoto de 7 anos sério assim. Solene assim. Coisa estranha... O filho tira a espada da mão do pai. Diz:

-Pai, sou Thunder Boy.

-Thunder Boy?

-Garoto trovão.

-Muito bem, meu filho. Agora vamos para a cama.

-Espere. Esta espada. Estava escrito. Eu a receberia quando fizesse 7 anos.

O pai se controla para não rir. Pelo menos a leitura de história em quadrinhos está ajudando a gramática do guri. “Eu a receberia...” O guri continua.

-Hoje ela veio. É um sinal. Devo assumir meu destino. A espada passa a um novo Thunder Boy a cada geração. Tem sido assim desde que ela caiu do céu, no vale sagrado de Bem Tael, há sete mil anos, e foi empunhada por Ramil, o primeiro Garoto Trovão.

O pai está impressionado. Não reconhece a voz do filho. E a gravidade do seu olhar. Está decidido. Vai cortar as histórias em quadrinhos por uns tempos.

-Certo, filho. Mas agora vamos...

-Vou ter que sair de casa. Quero que você explique à mamãe. Vai ser duro para ela. Conto com você para apoiá-la. Digo que estava escrito. Era o meu destino.

-Nós nunca mais vamos ver você? – pergunta o pai, resolvendo entrar no jogo do filho enquanto o encaminha, sutilmente, para a cama.

-Claro que sim. A espada do Thunder Boy está a serviço do bem e da justiça. Enquanto vocês forem pessoas boas e justas poderão contar com a minha ajuda.

-Ainda bem – diz o pai.

E não diz mais nada. Porque vê o filho dirigir-se para a janela do seu quarto, e erguer a espada como uma cruz, gritar para os céus “Ramil!”. E ouve um trovão que faz estremecer a casa. E vê a espada iluminar-se e ficar azul. E o seu filho também.

O pai encontra a mulher na sala. Ela diz:

-Viu só? Trovada. Vá entender este tempo.

-Quem foi que deu a espada para ele?

-Não foi você? Pensei que tivesse sido você.

-Tenho uma coisa pra te contar.

-O que é?

-Senta, primeiro.

O HOMEM TROCADO

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

-Tudo perfeito – diz a enfermeira, sorrindo.

-Eu estava com medo desta operação...

-Por quê? Não havia risco nenhum.

-Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os 10 anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

-E o meu nome? Outro engano.

-Seu nome não é Lírio?

-Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

-Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

-O senhor não faz chamadas interurbanas?

-Eu não tenho telefone! Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

-Por quê?

-Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

-O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

-Se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

-Apendicite? – perguntou, hesitante.

-É. A operação era tira o apêndice.

-Não era para trocar de sexo?

A BOLA

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulho a bola e disse: “Legal!”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a gira a bola, à procura de alguma coisa.

-Como é que liga? – perguntou.

-Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

-Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

-Não precisa de manual de instrução.

-O que é que ela faz?

-Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

-O quê?

-Controla, chuta...

-Ah, então é uma bola.

-Claro que é uma bola.

-Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

-Você pensou que fosse o que?

-Nada, não.

O garoto agradeceu, disse “Legal” de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado *Monster Ball*, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de *blip* eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

-Filho, olha.

O garoto disse “Legal” mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro do couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

PÁ, PÁ, PÁ

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam. Era daquelas americanas que prestam muita atenção.

Achava curioso, por exemplo, o “pois é”. Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o “pois é”. Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia “pois é”. Ela não agüentava mais o “pois é”.

Também tinha dificuldade com o “pois sim” e o “pois não”. Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

-Pois não – disse eu, polidamente.

-É exatamente isso! O que quer dizer “pois não”?

-Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse “pois não”. Quer dizer, “pode, esteja à vontade, estou ouvindo, estou às suas ordens...”

-Em outras palavras, quer dizer “sim”.

-É.

-Então por que não se diz “pois sim”?

-Porque “pois sim” quer dizer “não”.

-O quê?!

-Se você disser alguma coisa que não é verdade, com a qual eu não concordo, ou acho difícil de acreditar, eu digo “pois sim”.

-Que significa “pois não”?

-Sim. Isto é, não. Porque “pois não” significa “sim”.

-Por quê?

-Porque o “pois”, no caso, dá o sentido contrário, entende?

Quando se diz “pois não”, está-se dizendo que seria impossível, no caso, dizer “não”. Seria inconcebível dizer “não”. Eu dizer não? Aqui, ó.

-Onde?

-Nada. Esquece. Já “pois sim” quer dizer “ora, sim”. “Ora se eu vou aceitar isso”. “Ora, não me faça rir. Rá, rá, rá”.

-“Pois” quer dizer “ora”?

-Ahn... Mais ou menos.

-Que língua!

Eu quase disse: “E vocês, que escrevem “tough” e dizem “tâf?”, mas me contive. Afinal, as intenções delas eram boas. Queria aprender.

Ela insistiu:

-Seria mais fácil não dizer o “pois”.

Eu já estava com preguiça.

-Pois é.

-Não me diz “pois é”!

Mas o que ela não entendia mesmo era o “pá, pá, pá”.

-Qual o significado exato de “pá, pá, pá”.

-Como é?



-“Pá, pá, pá”.

-“Pá” e pá. “Shovel”. Aquele negócio que q gente pega assim e...

-“Pá” eu sei o que é. Mas “pá” três vezes?

-Onde foi que você ouviu isso?

-É a coisa que eu mais ouço. Quando brasileiro começa a contar história, sempre entre o “pá, pá, pá”.

-Como que para ilustrar nossa conversa, chegou-se a nós, providencialmente, outro brasileiro. E um brasileiro com história:

-Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho, quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e pá, pá, pá...

Eu e a americana nos entreolhamos.

-Funciona como reticências – sugeri eu. – Significa, na verdade, três pontinhos. “Ponto, ponto, ponto.”

-Mas por que “pá” e não “pó”? Ou “PI” ou “pu”? Ou “etcétera”?

Me controlei para não dizer – “ E o problema dos negros nos Estados Unidos?”.

Ela continuou.

-E por que tem que ser três vezes?

-Por causa do ritmo. “Pá, pá, pá.” Só “pá, pá” não dá.

-E por que “pá”?

-Porque sei lá – disse, didaticamente.

O outro continuava sua história. História de brasileiro não se interrompe facilmente.

-E aí Túlio com uma lengalenga que vou te contar. Porque pá, pá, pá...

-É uma expressão utilitária – intervim. – Substitui várias palavras (no caso toda a estranha história do Túlio, que levaria muito tempo pra contar) por apenas três. É um símbolo de garrulice vazia, que não merece ser reproduzida. São palavras que...

-Mas não são palavras. São só barulhos. “Pá, pá, pá.”

-Pois é – disse eu.

Ela foi embora, com a cabeça alta. Obviamente desistiria dos brasileiros. Eu fui para o outro lado. Deixamos o amigo do Túlio papeando sozinho.



BOBAGEM

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

-Alô?

-Alô. Sou eu.

-Eu quem?

-Eu, pô.

O outro fez silêncio. Depois disse:

-Ah, é você.

-Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz ano-novo. Entendeu?

-Obrigado.

-Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...

-Feliz ano-novo pra você também.

-Eu nem me lembro mais por que nós brigamos. Juro que não me lembro.

-Eu também não lembro.

-Então, grande. Como vai Vivinha?

-Bem, bem. Quer dizer, mais ou menos. As enxaquecas...

Ele ficou engasgado. De repente se deu conta de que tinha saudades até das enxaquecas da Vivinha. Como podiam ter passados tantos anos sem se ver? Como tinham deixado uma bobagem afastá-los daquela maneira? As pessoas precisavam se reaproximar. Aquele seria seu projeto para o fim do milênio. Reaproximar-se das pessoas. Só dar importância ao que aproximava. Puxa! Estava tão enternecido com as enxaquecas da Vivinha que mal podia falar.

-A vida é muito curta. Você está me entendendo? Assim não dá.

Era como se estivesse reclamando com o fornecedor. A vida vinha com a carga muito pequena. Era preciso um botijão maior, senão não dava mesmo. E ainda desperdiçavam vida com bobagem.

Ele quis marcar um encontro para ontem. No Lucas, como antigamente. O outro foi mais sensato e contrapropôs hoje, prevendo que ontem seria um dia de ressaca e segundos pensamentos. E tinha razão.

Ontem à noite, ele voltou a telefonar. Falou secamente. Pediu desculpas, disse que não poderia ir ao encontro e despediu-se com um formal “Melhoras para a Vivinha”.

Tinha se lembrado da bobagem que motivara a briga.



UM, DOIS, TRÊS

Eu queria um dia fazer uma crônica como uma valsa antiga. Que rodopiasse pela página como, digamos, um velho comendador de fraque e a sua jovem amiga. Cheia de rimas como quimera e primavera. Com passos e compassos, ah quem me dera. Talco nos decotes, virgens suspirosas e uma sugestão de intrigas.

Os parágrafos seriam verso e figurações. No meio um lustre, na tuba um gordo e em cada peito mil palpitações. Os namorados trocariam olhares. As tias e os envergonhados nos seus lugares. E de repente uma frase perderia o fio, soltando sílabas por todos os salões.

A segunda parte me daria um nó.

Os pares param, o maestro espera e ninguém tem dó.

Dou ré, vou lá, já não caibo em mi.

E então decreto - vá fá – é cada um por si!

Um, dois, três.

Um, dois, três.

A minha orquestra seria toda de professores. Um de desenho, três de latim, cinco de português e todos amadores. O baterista cheirava coca. O contrabaixista não parece o Loca? E o gordo da tuba um duque da Bavária nos seus últimos estertores.

Um cadete rouba o amor da filha de um magnata. Pescoço de alabastro, boca de rubi e os olhos de uma gata. O namorado, despeitado, urde sua vingança. É quase meia noite e segue a contradança. O pai da moça dorme nos seus sete queixos e sonha com uma negociata.

No avarandado branco, onde vão ver a Lua

A moça e o cadete, que a imagina nua,

Beijam-se perdidamente a três por quatro.

E o segundo traído sou eu, que não encontro rima para “quatro”.

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Um violinista, de improviso, olha o relógio e perde o bemol.

Faltam poucas linhas para acabar meu espaço e surgir o sol. Lá fora, o par apaixonado. De tanto amor nem olha para o lado. Não vê o despeitado que se aproxima, quieto e encurvado como um caracol.

Eu mesmo me concedi essa valsa e, portanto, tenho a decisão.

Que arma usará o traído na sua vil ação? Uma adaga, fina e reluzente?

Combina mais com o requintado ambiente. Mas se errar o passo e o alvo o vilão e, abrindo um filão, conspurcar o alvo chão?

Um tiro na nuca é mais ligeiro

Mais prático, moderno e certo.

Mas, meu Deus, o que é que eu estou fazendo?

Comecei com uma singela valsa e já tem gente morrendo!

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Eu só queria fazer uma crônica como uma valsa antiga. Que rodopiasse pela página como um comendador cansado e sua compreensiva amiga. Cheias de rimas sem compromisso aparente. Nem com couro, nem com prata, nem com a crise do Ocidente. Decotes Bocejando. Virgens sonolentas e nem uma sugestão de briga.

Um, dois, três. Etc



SIGLAS

- Bota aí: “P”
- “P”?
- De “Partido”.
- Ah.
- Nossa proposta qual é? De união, certo? Acho que a palavra “União” deve constar do nome.
- Certo. Partido da União...
- Mobilizadora!
- Boa! Dá a idéia de ação, de conagraçamento dinâmico. Partido da União Mobilizadora.
- Como é que fica a sigla?
- PUM.
- Não sei não...
- É. Vamos tentar outro. Deixa ver. “P”...
- “P” é tranqüilo.
- Acho que “Social” tem que constar.
- Claro. Partido Social...
- Trabalhista?
- Fica PST. Não dá.
- É. Iam acabar nos chamando de “Ei, você”.
- E mesmo “trabalhista”, não sei. Alguém aqui é trabalhista?
- Isso é o de menos. Vamos ver. “P”...
- Quem sabe a gente esquece o “P”?
- É. O “P” atrapalha. Bota “A”, de aliança. Aliança Inovadora...
- Ai.
- Que foi?
- Não. A sigla. Fica AI.
- Espera. Eu ainda não terminei. Aliança Inovadora... de Arregimentação Institucional.
- AIAI... Sei não.
- É. Pode ser mal interpretado.
- Vanguarda Conservadora?
- Você enlouqueceu? Fica VC.
- Aliança Republicana de Renovação do Estado.
- ARRE!
- O que?
- Calma.
- Espera aí, pessoal. Quem sabe a gente define a posição ideológica do partido antes de pensar na sigla? Qual é, exatamente, a nossa posição?
- Bom, eu diria que estamos entre a centro-esquerda e a centro-direita.
- Então é no centro.
- Também não vamos ser radicais...
- Nós somos a favor da reforma agrária?
- Somos, desde que não toquem na terra.



-Aceitaremos qualquer coalizão partidária para impedir a propagação do comunismo no Brasil.

-Inclusive com o PCB e o PC do B?

-Claro.

-Não devemos ter medo de acordos e alianças. Afinal, um partido faz pactos políticos por uma razão mais alta.

-Exato. A de chegar ao poder e esquecer os pactos que fez.

-Partido Ecumênico Republicano Unido.

-PERU?

-Movimento Institucionalista Alerta e Unido.

-MIAU?

-O que significa?

-Nada, eu só acho o nome bonito.

-MUMU. Movimento Ufanista Mobilização e União.

-MMM. Movimento Moderador Monarquista.

-Mas nós somos republicanos.

-Eu sei. Mas por uma boa sigla a gente muda.

-TCHAU.

-Hum, boa. Trabalho e Capital em Harmonia com Amor e União?

-Não, é tchau mesmo.

-Aonde é que você vai?

-Abrir uma dissidência.



LIXO

Luis Fernando Veríssimo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

-Bom dia.

-Bom dia.

-A senhora é do 610.

-E o senhor dos 612.

-Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

-Pois é... – Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo.

-O meu quê?

-O seu lixo.

-Ah...

-Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena.

-Na verdade sou só eu.

-Humm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.

-É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar.

-Entendo.

-A senhora também.

-Me chama de você.

-Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim.

-É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas como moro sozinha, às vezes sobra.

-A senhora... Você não tem família?

-Tenho, mas não aqui.

-No Espírito Santo.

-Como é que você sabe?

-Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.

-É. Mamãe escreve todas as semanas.

-Ela é professora.

-Isso é incrível! Como você adivinhou?

-Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.

-O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.

-Pois é...

-No outro dia, tinha um envelope de telegrama amassado.

-É.

-Más notícias?

-Meu pai. Morreu.

-Sinto muito.

-Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.

-Foi por isso que você recomeçou a fumar?

-Como é que você sabe?

-De um dia para o outro começou a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.

-É verdade. Mas consegui parar outra vez.



- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei, mas tenho visto uns vidrinhos de comprimidos no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos.
- É que estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há alguns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmos, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com ele porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através dos lixos, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo.
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode... Jantar juntos?
- É. Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha.
- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu...



DUAS E TRÊS

Levei um susto quando aquela voz soprou na minha nuca.

-Se tu é bom, mata essa: “Não durmo no Rio porque tenho pressa; duas e três”.

Voltei-me para ver quem falava. Era um homem quarentão, alto e gorducho, de roupas imundas, rasgadas, e cara encardida. Uma cara simpática de gangster regenerado.

Ele ria:

-Mata essa, vamos!

Era de manhã cedo, em junho, e fazia um frio agradável. Acordara e, sem ter para onde ir, sentei-me naquele banco da Praça Floriano, em frente à Biblioteca Nacional, à espera de que ela abrisse. Meu velho terno marrom esfiapava nas mangas, o sapato empoeirado, a barba por fazer. “Esse homem está me tomando por um vagabundo”, pensei comigo. E achei divertido.

-Matar o quê?

-A charada, meu besta!

O velho se debruçava em cima de mim, com um riso gozador. Fedia a suor e molambo. Afastei-o um pouco, com o braço, e, meio sem saber o que fizesse, acedi.

-Como é mesmo a charada?

-Só repito esta vez, tá bom? “Não durmo no Rio porque tenho pressa; duas e três”.

Sempre fui um fracasso para matar charadas. Fiz um esforço para penetrar nas palavras, mas em vão.

-Digo mais – esclareceu-me o vagabundo. – Chaves:

“Não durmo” e “Rio”. Conceito. “pressa”... Mas você é burro, hein?

Donde diabo viera aquele camarada impertinente, para me obrigar a resolver uma charada àquela hora da manhã?

Mas meu orgulho estava em jogo. Pensava e o pensamento escapulia.

-Não consigo decifrar. Não me amola.

-Então você perdeu.

-É, perdi.

-Então paga.

-Paga o quê?

-Duas pratas, meu Zé. Você perdeu!

Era incrível. Comecei a rir. Ele também ria e dizia: “Paga duas pratas”. Dei-lhe uma cédula de dois cruzeiros e fiquei ali rindo enquanto ele se afastava arrastando seus sapatos furados.

Semanas depois, estava eu no Passeio Público, quando ele veio com a mesma conversa, como se nunca me tivesse visto. “Mata essa: não durmo no Rio, porque tenho pressa; duas e três.” Respondi-lhe em cima da bucha: “Não durmo, velo; no Rio, cidade: velocidade”. Ele ficou desapontado. “Você perdeu”, disse-lhe eu. “Paga duas pratas.” Olhou-me sério, meteu a mão no bolso e estendeu-me duas notas imundas. Fomos tomar juntos um café na Lapa.

PAIS E FILHOS

A televisão transmite a cara e a voz de alguém que fala, entre outras coisas, em “povo brasileiro”. O menino pergunta:

-Mamãe, você é o povo brasileiro?

-Sou, todo mundo que mora no Brasil é o povo brasileiro.

-Todo mundo, não. Eu não sou povo brasileiro.

A irmã pretende ter entendido;

-Mamãe, ele está dizendo que não é polvo, aquele bicho cheio de pernas.

-Não estou dizendo isso, não! – protesta o menino.

-Não sou povo porque sou criança. Criança não é povo!

A família está reunida: pai, mãe, dois filhos. A menina tem quatro anos, o menino três. A conversa naturalmente gira em torno de um assunto permanente - a bomba atômica; e outro circunstancial – Papai Noel.

Menino – A bomba *tônica* mora numa casa de fumaça. Ela é grande, ela morde.

Menina – Mas ela só morde gente. Ela não morde as outras bombas atômicas.

Pai – Por quê?

Menina – Ora, seu bobão, porque ela é igual às outras, não vai morder as amigas dela.

A menina e o menino saem correndo da sala, ninguém sabe por quê. Ouve-se um barulho de coisas caindo no quarto deles. Daí a pouco voltam os dois batendo nos baldes de praia. A menina pula e repete aos berros:

-Papai Noel é contra os anjos! Papai Noel é contra os anjos!

Mãe e pai entreolham-se espantados. Onde essa menina tirou isso?

-Vem cá, minha filha, que é que você está dizendo?

-Estou dizendo que Papai Noel é contra os anjos (fala sem parar de bater no balde, não se ouve direito).

-Por que Papai Noel é contra os anjos? – pergunta a mãe.

-Dia de Natal não é quando Deus Faz anos? – diz a menina.

-É.

-Então? Por isso Papai Noel é contra os anjos!

-Ah – exclama a mãe -, ela está dizendo que Papai Noel faz anos.

A garota pára de bater no balde e fita a mãe, enfurecida:

-Nada disso, sua boba! Estou dizendo que Papai Noel é contra os anjos. Vocês são dois bobões e não sabem de nada!

E a farra continua:

-Papai Noel é contra os anjos! Papai Noel é contra os anjos!

A menina de quatro anos finge que lê numa tampa de caixa de sapatos:

-Para ser feliz no casamento é preciso: obediência, estudação, trabalhoso, saber cozinhar, ter um pai bonzinho que dá muitos presentes, ir à igreja e acreditar no céu.

O garoto menor foi ao Jardim Zoológico e ficou muito impressionado com o surrealismo da realidade: a girafa, a arara, o urso, a leoa e sobretudo o hipopótamo.

-Que que você achou do hipopótamo?

-Ele estava preso, não podia me pegar.



-Sim, mas que tal ele é?

-Ele é um pouco gordo, sabe? E tem uma boca assim grande que faz parecer um popota.

A mãe diz à menina:

-Olha, eu sou danada, sou pior que o Lobo Mau. Como criança de qualquer tamanho.

-Mais danada sou eu que como o céu azul e fico toda brilhando.

Ou inventa uma história.

-Era uma vez uma menina tão linda que o nome dela era Caminho das Margaridas...

O Caçulinha

O Caçulinha, para dar uma de macho, prefere ficar mal com a mãe a ficar mal com os colegas da escola. Será que essa história vai acabar bem?

Madame, queira comparecer com urgência ao Distrito. Seu filho está detido aqui.

-Como? O senhor ligou errado. Meu filho detido? Meu filho vive há seis meses na Bélgica, estudando Física.

-E a senhora só tem esse?

-Bom, tenho também o caçulinha, de dez anos.

-Pois é o Caçulinha.

-O senhor está brincando comigo. Não acho graça nenhuma. Então um menino de dez anos foi parar na Polícia?

-Madame vem aqui e nós explicamos.

A senhora correu ao Distrito, apavorada. Lá estava o Caçulinha, cabeça baixa, silencioso.

-Meu filho, mas você não foi ao Colégio? Que foi que aconteceu?

Não se mostrou inclinado a responder.

-Que foi que meu filho fez, seu comissário? Ele roubou? Ele matou?

-Estava com um colega fazendo bagunça numa casa velha da rua Soares Cabral. Uma senhora que mora em frente telefonou avisando, e nós trouxemos os dois para cá. O outro garoto já foi entregue à mãe dele. Mas este diz que não quer voltar para casa.

A mãe sentiu uma espada muito fina atravessar-lhe o peito.

-Que é isso, meu filho? Você não quer voltar para casa?

Continuava mudo.

-Eu disse a ele, madame – continuou o comissário -, que se não voltasse para casa teria de ser entregue ao juiz de menores. Ele me perguntou o que é o juiz de menores. Eu expliquei, ele disse que ia pensar.

-Meu filho, meu filhinho – disse a senhora, com voz trêmula-, então você não quer mais ficar com a gente? Prefere ser entregue ao juiz de menores?

Caçulinha conservava-se na retranca. O policial conduziu a senhora para outra sala.

-O que esses garotos estavam fazendo é muito perigoso. Brincavam de explorar uma casa abandonada, onde à noite dormem marginais. Madame compreende, é preciso passar um susto nos dois.

A senhora voltou para perto de Caçulinha, transformada:

-Saí daí já, seu vagabundo, e vamos para casa.

O mudo recuperou a fala:

-Eu não posso voltar, mãe.

-Não pode? Espera aí que eu te dou não-pode.

E levou-o pelo braço, ríspida.

Na rua, Caçulinha tentou negociar:

-A senhora me deixa passar em Soares Cabral? Deixando, eu volto para casa, não faço mais besteira.

-Passar em Soares Cabral, depois desse vexame? Você está louco.

-Eu preciso, mãe. Tenho de pegar uma coisa lá.

-Que coisa?



-Não sei, mas tenho de pegar. Senão me chamam de covarde. Aceitei o desafio dos colegas, e se não trazer um troço da casa velha para eles, fico desmoralizado.

-Que troço?

- O pessoal diz que lá dentro tem ferros para torturar escravo, essas coisas. Eu e o Edgar estávamos procurando, ele mais como testemunha, eu como explorador. Mãe, a senhora quer ver seu filho sujo no colégio, quer? Tenho de levar nem que seja um pedaço de cano velho, uma fechadura, uma telha.

A mãe estacou para pensar. Seu filho sujo no colégio? Nunca. Mas e o perigo dos marginais? E a polícia? E seu marido? Vá tudo para o inferno. Tomou uma resolução macha, e disse para Caçulinha:

-Quer saber de uma coisa? Eu vou com você a Soares Cabral.

Ser mãe não é tarefa fácil

Ser mãe não é tarefa fácil. E ainda por cima tem o Dias das Mães, quando os filhos, com todo calor humano, dão aqueles presentes cheios de calorias...

Mãe, taqui seus chocolates!

-Que chocolates, meu anjo?

-A senhora não sabe que, no Dias das Mães, dê chocolate pra ela? Comprei um pacotão divino-maravilhoso-fora-de-série, pra senhora. Tem bombons, tabletes, figurinhas, pastilhas, drágeas...

Um negócio, mãe!

-Filhinho, eu não posso comer chocolate.

-Como não pode? É uma curtição. Todas as mães do Brasil, no Dia das Mães, vão saborear produtos achocolatados. Não precisa engolir tudo e duma vez, guarda pra semana toda, pro mês inteiro.

-Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.

-E daí? Esquece o médico, não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora. Quando é que as mulheres vão se emancipar da tutela dos homens?

-E você não é homem, criatura? Você quer que eu seja independente comendo o chocolate que você faz questão de me dar?

-Fico triste com a senhora.

-Fique não, querido. Vamos fazer uma coisa. Dê esse pacote tão lindo pra sua namorada.

-A Georgiana? A Georgiana não é casada nem mãe solteira, como é que eu vou dar presente a ela no Dia das Mães? Pega mal.

-Toda namorada merece ganhar presentes em qualquer dia do ano.

-Não posso dar chocolates a Georgiana.

-Não pode por quê?

-Engorda.

-Ah, muito bonito. Então a Georgiana não pode engordar, e eu, que sou mãe do namorado dela, posso, né?

-Não é nada disso, mãe. Também não quero que a senhora engorde, mas engordar, problema de papai.

-O problema é meu antes de mais ninguém, ouviu? Ou você não acha mais que a mulher deve resolver por si mesma o que lhe convém ou não convém?

-Mas chocolate, uma coisa à-toa... Que importância tem isso?

-Tem importância pra Georgiana, tem importância pra você que não quer ver Georgiana barriguda por causa de chocolate, não tem importância pra mim, só porque no Dias das Mães usa oferecer chocolate à autora dos seus dias?

-Autora de quê? A senhora tá falando difícil, mãe. Até parece linguagem de vestibular. Deixa, não tem importância. Quer dizer que a senhora está mandando meu presente praquela parte.

-Alfredinho, não repita!

-Não disse nada de mal!

-Disse sem dizer. Não admito que você use essas expressões falando comigo.

-Que expressões? Desculpe. Não quis ofender a senhora, evidente. Estou só defendendo o chocolate, entende?



- Está bem.
- É muito alimentício.
- Eu sei.
- Numa dieta bem balanceada...
- Chega, Alfredinho. Não precisa falar em calorias. Quem não sabe que chocolate é bom e gostoso? Eu adoro chocolate, mas...
- Então pega o pacote.
- É uma tentação. Mas eu resisto.
- Eu ajudo a destruir o que ta aí dentro, mãe.
- Não.
- Prova só um chocolatezinho mais legal, com recheio de licor.
- Não.
- Unzinho só. Delícia.
- Nããããã. Leve pra Georgiana, já disse.
- Já vi tudo. A senhora quer ter uma nora de barrigona estufada de tanto comer chocolate, só pra ter o gosto de mostrar que a sogra dela é mais leve que manequim!
- Bandido, some da minha frente com essa porcaria, que eu não sou mais sua mãe!

TRAGÉDIA DE PAIXÃO

O caso triste deu-se por estas bandas – ela magrinha e jeitosa ia passando pelo caminho do Quixadá levando no braço a cesta de baba-de-moça e de pudim de coco que a mãe fizera para a avó quando o tipo forte, grosso, simpático, saltou dos matos e interrompeu-a: “Onde é que tu vai com esse chapeuzinho tão vermelho na cabeça?” Ela ficou de medo rija, mas ao mesmo tempo achava o moço simpático, disse que ia ali mesmo levar uns negócios pra avó, ele perguntou aonde, disse se não podia acompanhá-la. Ela se fez de rogada, abanou que não.

Mas o tipo era sabido, conhecia a redondeza, atravessou a ribeira, pulou o cercado, arroteou o açude, afastou os porcos na engorda por trás da casa do Chico Vira-Mão e foi desembestar suarento e resfolegante na casa da avó da Cabecinha Encarnada. Só teve mesmo tempo de matar a velha, enterrar embaixo da banheira e se deitar na cama que já as batidas fracas na porta diziam que a mocinha estava ali. Diz que ela entrou, botou os doces em cima do baú e foi dar uma palavra com a avó que há muito não via. Estranhou e perguntou: “Vovó, por que a senhora está com orelhas tão grandes?” “A vó respondeu que estava ficando velha, que orelha de gente velha vai mesmo crescendo, depois explicou a ela que seu nariz estava assim porque ela tinha pegado um golpe de ar, na hora em que a mocinha perguntou por que aqueles dentes tão enormes, o tipão já não nem ela ter tempo de falar mais nada, tapou-lhe a boca, puxou uma peixeira e tome facada.

Foi preso, está esperando condenação. Aos jornalistas diz que não se arrepende, que tinha amor, depois teve o amor transformado em ódio e que prefere ver ela morta que com cara de nojo pra ele. Diz que prisão por prisão prefere mesmo essa, que homem foi feito pra sofrer duro mas não para penar de mulher viva.



Diálogo de todo Dia

Inventaram o telefone para facilitar a comunicação entre as pessoas. É... mas, pelo jeito, nem sempre isso acontece.

Alô, quem fala?

-Ninguém. Quem fala é você que está perguntando quem fala.

-Mas eu preciso saber com quem estou falando.

-E eu preciso saber antes a quem estou respondendo.

-Assim não dá. Me faz o obséquio de dizer quem fala?

-Todo mundo fala, meu amigo, desde que não seja mudo.

-Isso eu sei, não precisava me dizer como novidade. Eu queira saber é quem está no aparelho.

-Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

-Como não está, se você está me respondendo?

-Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

-Engraçadinho. Então, quem está fora do aparelho?

-Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo.

-Não parece. Se fosse para me servir, já teria dito quem está falando.

-Bem, nós dois estamos falando. Eu de cá, você de lá. E um não conhece o outro.

-Se eu conhecesse não estava perguntando.

-Você é muito perguntador. Note que eu não lhe perguntei nada.

-Nem tinha que perguntar. Pois se fui eu que telefonei.

-Não perguntei nem vou perguntar. Não estou interessado em conhecer outras pessoas.

-Mas podia estar interessado pelo menos em responder a quem telefonou.

-Estou respondendo.

-Pela última vez, cavalheiro, e em nome de Deus: quem fala?

-Pela última vez, e em nome da segurança, por que eu sou obrigado a dar essa informação a um desconhecido?

-Bolas!

-Bolas digo eu. Bolas e carambolas. Por acaso você não pode dizer com quem deseja falar, para eu lhe responder se essa pessoa está ou não aqui, mora ou não mora neste endereço? Vamos, diga de uma vez por todas: com quem deseja falar?

Silêncio.

-Vamos, diga: com quem deseja falar?

-Desculpe, a confusão é tanta que eu nem sei mais. Esqueci. Chau.

A TOUPEIRA QUE QUERIA VER O COMETA

RUBEM ALVES

Era uma vez uma toupeira. As toupeiras são míopes: só enxergam coisas que estão bem pertinho, encostadas da ponta do focinho.

É que elas moram em túneis. Este é o meu mundo: debaixo da terra. Quem mora em túneis não precisa ver. Lá dentro é tudo escuro. Não há quase nada para ser visto.

Eu não sei por que é que elas resolveram viver assim, se aqui fora é tão bonito. Acho que foi medo. Por medo dos bichos que eram mais fortes resolveram se enterrar. A pena é que, lá no fundo, se não vão os bichos perigosos, também não vão nem os pássaros e nem as borboletas, e nem se vê nem o luar e nem o arco-íris.

As toupeiras são ruins de ver, mas muito boas para cavar. Passam assim a sua vida inteira: cavando túneis e se escondendo dentro deles. Como certas pessoas...

A toupeira de nossa estória tinha um apelido: ceguinha.

Os outros bichos se riam dela, porque ela nunca via nada.

No jogo de cabra-cega nem precisava pôr a venda nos seus olhos. Ela não via nada, mesmo com seus olhos abertos.

E ficava sempre de fora das conversas, porque ela não sabia sobre o que falar. Só falava sobre o seu túnel. Como certas pessoas...

Enquanto a bicharada falava de frutas que cresciam no alto das árvores, ou de nuvens que ameaçavam chuva, ou da beleza do arco-íris, ou da brancura do luar, ela perguntava:

O que é isto? Eu nunca vi...

E piscava seus olhinhos míopes.

Certo dia ela percebe algo incomum. Um alvoroço entre os animais. Falavam de uma coisa nova, sobre o que nunca haviam conversado antes.

É – disse D. Coruja, professora, que se especializara nas coisas que acontecem durante a noite: - Dizem que o brilho é maior que o de muitas luas cheias. Na última vez que apareceu, o rabo era tão grande que ia do horizonte até o umbigo do céu, bem em cima de nossas cabeças.

Todo mundo olhou para cima, pra ver onde ficava o umbigo do céu.

Ceguinha também. Só que ela não viu nada.

Ele vem de muito longe, de muito longe mesmo. Só passa por aqui de 76 em 76 anos...

Mas vem de onde? – perguntou um esquilhinho espantado.

Das lonjuras do céu. Dizem que ele é um brinquedinho do sol. Uma espécie de ioiô. Às vezes está bem pertinho e depois vai para muito longe. Nós, aqui na Terra, somos brinquedos também. Só que deferentes. Não somos ioiôs. Somos um grande carrossel, girando, girando, sem nunca chegar perto, sem nunca chegar longe, sempre no mesmo caminho...

E os bichos paravam, assombrados com D. Coruja, que sabia tanto.

Ceguinha criou coragem. Ela não sabia o que era aquilo sobre o que falavam.

Vocês estão falando sobre o quê? – perguntou acanhada.

Falamos do cometa que vai chegar – disse o castor, que sempre morria de dó da toupeira.

Cometa? Onde? – e ceguinha começou a dar voltas procurando, como se um cometa fosse coisa que estivesse por ali. Assim era o mundinho dela.

Nele não havia coisas longe, nem coisas diferentes... Eram só aquelas, a que ela já estava acostumada desde criança, coisas que se encontravam próximas dos seus olhinhos míopes. Como acontece com certas pessoas também...

A bicharada riu. E explicaram que cometa é coisa brilhante que aparece no céu, parecida estrela, mas não era, porque as estrelas estavam sempre lá no mesmo lugar, mas um cometa fazia uma visita e desaparecia, por muitos e muitos anos. Imagine só: a última vez que estive por aqui foi em 1910... Mas era tudo inútil. As explicações não adiantavam nada. Porque a toupeira nunca havia visto coisa alguma nos céus, nem o azul, nem as nuvens, nem as estrelas. E se a coisa estava tão longe assim, que diferença iria fazer em sua vida e em seu túnel? E já se preparava para voltar para casa, pois a conversa não lhe interessava.

Mas aí D. Coruja disse uma coisa que a fez parar.

O cometa tem poderes mágicos. Ele tem o poder de realizar os desejos de quem o vir. Se alguém, ao olhar para ele, de todo o coração desejar alguma coisa, esta coisa acontece mesmo...

E foi aquele reboiço, cada qual dizendo daquilo que iria desejar quando visse o cometa.

Ceguinha se virou, tristemente, e duas lágrimas caíram dos seus olhos.

Tudo o que eu desejo é ver, para poder brincar, para ser companheira, para poder dizer das coisas que vi e os outros não. Quero ser igual aos outros... Ah! Se isto acontecesse, se eu pudesse ver, então eles parariam para me ouvir e gostariam das minhas estórias. E eu seria feliz. Mas o milagre só acontece para aqueles que vêem o cometa. Meus olhinhos míopes nunca o verão. Por isto meu desejo nunca se realizará...